

Síntese: O cânone dos nove mélicos (*ennéa lyrikoí*) da Grécia – Profa. Ragusa. 2024

Para Safo e sua vida e obra:

RAGUSA, G. “Safo de Lesbos: de líras e neblinas”. In: REDE, M. (org.). *Vidas Antigas. Ensaaios Biográficos da Antiguidade*. São Paulo: Editora Intermeios, 2019, pp. 211-239.

_____. (org., trad.). *Safo de Lesbos. Hino a Afrodite e outros poemas*. 2ª ed. bilíngue, revisada e ampliada. São Paulo: Hedra, 2021.

Para todos os mélicos, as introduções a cada um deles em:

RAGUSA, G. (org., trad.). *Lira grega: antologia de poesia arcaica*. São Paulo: Hedra, 2013.

Para aprofundamento sobre Álcman, Alceu, Estesícoro, Íbico e Anacreonte, o **capítulo 2 da obra abaixo:**

RAGUSA, G. *Lira, mito e erotismo: Afrodite na poesia mélica grega arcaica*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010. (apoio: Fapesp)

Álcman (ativo em c. 600 a.C., em Esparta, no mundo dórico): celebrizado sobretudo pela mélica coral e, em particular, pelo partênio, uma das espécies ou subgêneros da mélica que se define como a canção entoada por um coro de virgens (*parthénoi*), nos festivais públicos cívico-religiosos. A edição desse poeta na Biblioteca de Alexandria somou 5 ou 6 livros de canções, das quais restam cerca de 170 fragmentos.

Safo e Alceu (c. 630-580 a.C., na ilha de Lesbos, no mundo lésbio-eólico da Eólida, região de colônias gregas na costa norte do litoral da atual Turquia)

Safo é célebre por um dos mais conhecidos subgêneros mélicos, e epitalâmio (literalmente, “sobre o tálamo, o leito nupcial”), a canção de casamento, centrada na festividade e voltada à sua natureza e aos seus objetivos. Safo teve 9 livros compilados na Biblioteca de Alexandria – restaram deles pouco mais de 200 fragmentos. Alceu teria tido 10 livros, dos quais restam cerca de 440 fragmentos, a maioria bastante lacunar.

Estesícoro (c. 632/29-556/53 a.C., na ilha da Sicília, no mundo da Magna Grécia, região de colônias gregas composta pelo Sul da Itália e pela referida ilha)

Poeta que se consagrou pela mélica epicizante ou narrativa, em que a matéria é sempre e exclusivamente mítica, o narrador é distanciador, a dicção é fortemente épica, mas os metros são os da tradição da mélica, e não o hexâmetro do gênero épico. O poeta teria tido na Biblioteca de Alexandria 26 livros compilados, que devem ser entendidos, na verdade, como 26 títulos de poemas sempre míticos, narrativos e extensos (chegando a mais de 1000 versos). Restam cerca de 240 fragmentos dessa obra, a maioria absoluta em estado lacunar.

Íbico (ativo em c. 550 a.C., poeta de Régio, na Magna Grécia, no Sul da Itália)

No caso desse poeta, destaca-se o fato de que ele se deslocou na geografia grega para cantar sua mélica a convite de tiranos, como Polícrates, o poderoso tirano da ilha de Samos, em simpósios palacianos. Coloca-se, pois, a mélica, em dimensão política mais marcante e complexa do que antes, algo que só se intensifica na era tardo-arcaica, com os poetas a partir de Íbico. Haveria 7 livros de suas canções na Biblioteca de Alexandria, dos quais temos cerca de 160 fragmentos.

Anacreonte (ativo em c. 550 a.C., poeta de Teos, na Jônia, região de colônias gregas na costa sul do litoral da atual Turquia) No caso desse poeta, destaca-se o fato de que ele se deslocou na geografia grega para cantar sua mélica a convite de tiranos, como Polícrates, na ilha de Samos, em simpósios palacianos, à mesma época de Íbico, e Hiparco, o filho do tirano de Atenas, Pisístrato. O poeta teve entre 5 e 10 livros compilados em Alexandria (o número é, pois, bem incerto), e hoje há cerca de 150 pequenos fragmentos de sua obra.

Simônides (c. 536-468/64 a.C., na ilha de Ceos, no mundo ático-jônico das ilhas do mar Egeu)

A partir desse poeta **tardo-arcaico – virada dos séculos VI-V a.C.** –, intensifica-se a imagem do poeta viajante, que percorre cortes de tiranos e casas de grandes e poderosas famílias aristocráticas, sempre a convite e mediante pagamento em presentes (como no caso de Íbico e de Anacreonte) e/ou de moeda (o dinheiro havia adentrado o mundo grego em c. 550 a.C., e concorria com o tradicional sistema de trocas de produtos, que acabará por substituir, no decorrer dos tempos). E abrem-se aos nossos olhos novos gêneros de mélica não antes vistos e, depois, sobretudo nos *corpora* preservados de Baquírides e Píndaro, bastante ampliados. Com Simônides, vemos o epinício (canção para celebrar a vitória atlética) e o treno (canção de homenagem ao morto e consolo aos vivos). É-nos desconhecido o número de livros para a obra do poeta na Biblioteca de Alexandria, mas tudo indica que teriam sido organizados por subgênero mélico; temos hoje cerca de 100 fragmentos do poeta.

Baquílides (c. 518-452 a.C., na ilha de Ceos, no mundo ático-jônico das ilhas do mar Egeu)

Sobrinho de Simônides, segundo os antigos, Baquílides é renomado sobretudo por seus epinícios e ditirambos, mas vários outros gêneros de mélica se acham em seus fragmentos. Viajou por todo o mundo grego e conviveu com poetas como Píndaro, Ésquilo, Sófocles, e com pensadores de relevo na Atenas clássica cujos primeiros momentos ele conhecerá. O *corpus* do poeta só foi realmente conhecido com a descoberta do *Papiro do Museu Britânico* (733), em 1896, publicado em 1897, fonte de catorze epinícios e seis ditirambos do poeta, que incrementou em mais de mil versos o volume magro de fragmentos até então conhecido.

Píndaro (c. 518-446 a.C., Tebas, no mundo beócio do continente grego)

Vale para esse poeta o mesmo que para Baquílides e Simônides: circulou intensamente pelas cortes de tiranos e pela geografia do mundo grego, e apresenta numerosa coleção de gêneros mélicos em seu *corpus* preservado, no qual se destaca, pela sua integralidade e volume, o epinício. O poeta teve a boa fortuna de manuscritos medievais (séculos XIII e XIV) conservarem 45 odes epinícias integrais e alguns fragmentos, num total aproximado de 4500 versos. Há ainda um grande volume de fragmentos em outras espécies de mélica.